

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA DE ESPINHO

Propriedade da A. A. E.
(Secção Cultural)

N.º 32

AVULSO 200

Editor:
ARQ.º JERÓNIMO REIS

Composto e Impresso na Tip. Progresso-Espinho

Director Interino: ANTÓNIO GAIO

ANO III • 31 DE DEZEMBRO DE 1950

EDITORIAL

Natal Verdadeiro

O dia do nascimento de Cristo traz aos homens horas de festa, horas cheias de alegria, de bons sentimentos. Quase se pode dizer que o Mundo pára, ansioso por viver com intensidade uma felicidade que parece chegar a todos. Os que podem deixam falar alto o coração e abrem as mãos generosas dando aos necessitados a alegria e a ilusão dum lar aquecido pelo fogo quente e rubro que deu vida a uma mesa fumegante e colorida.

As crianças, apagada a fome e esquecido o frio, os olhos deslumbrados pelo arco-íris que enfeita as árvores de Natal, a cabecita lembrando o Menino Jesus, mostram, orgulhosas e desageitadas, os brinquedos que lhes deram e olham com simpatia os outros meninos. A magia do espírito do Natal paira sobre tudo, criando uma atmosfera impregnada de amor, irmanando os homens, afastando as lutas e os ódios.

Mas a ilusão de uma vida melhor dura pouco. O Mundo que parece parar, depressa retoma o movimento, numa marcha implacável, levantando os fortes e esmagando os fracos.

A alegria dá lugar ao desespero e, em muitos lares, da noite de Natal só restam as cinzas apagadas, o fogo morto, esquecido da mesa tósca e vazia. As crianças doridas do frio e da fome olham as árvores nuas agitadas pelo vento agreste, as cabecitas pedindo a vinda, todos os dias, do Menino Jesus.

A mensagem, feita de Amor e de Paz depressa é desprezada pelos homens. A ambição, o ódio, as guerras, fazem esquecer os bons sentimentos e o Natal parece-nos muito distante, quase irrereal, maravilhosa miragem de fugaz aparição.

Na verdade, lembrando tanta miséria que faz sofrer os nossos semelhantes, revendo a humanidade esfarrapada por lutas inúteis e, hoje, inquieta entre duas forças gigantescas e prêsas à ameaça duma guerra total, a festa do nascimento Daquela que viria salvar o Mundo parece-nos uma representação feita por maus actores, soa-nos a falso. Não podem ser verdadeiros os sentimentos demonstrados só num dia por imposição do calendário, por influência da tradição. Na nossa noite tranquila, feita de azul e de estrêlas, de olhos postos no presépio, ouvimos cânticos a anunciarem: "Glória a Deus nas alturas," e "Paz na Terra aos homens de boa vontade,". Ao mesmo tempo, em longínquas paragens, travam-se lutas fratricidas, Deus é esquecido e o sangue inocente corre, semeando o ódio e novas guerras.

Não tenhamos a ilusão de que somos melhores. Enfermamos todos do mesmo mal: somos homens.

E os homens, empenhados há séculos numa tarefa formidável, no trabalho gigantesco da moldagem, da criação duma humanidade melhor, ainda estão muito longe do fim.

O Amanhã que nos trará bons sentimentos todos os dias há de ser alcançado.

O Mundo espera com ansiedade um Natal Verdadeiro.

António Gaio

Rumo

Deseja a todos os colaboradores, assinantes
e amigos um Novo Ano Feliz.

A CRIANÇA A LITERATURA E O CINEMA

por VASCO LUÍS

Embora muito falada e discutida, esta trilogia envolve um problema fundamental da educação e da vida da criança.

Na sua generalidade, os pais facultam aos filhos as revistas e livros que eles pretendem; por atavismo, por tradição, muitas vezes porque ouviram dizer que os meninos os não devem ler (porque eles, pais nunca os leram), proibem-lhes o Eça, o Zola, o Junqueiro revolucionário — e o mais não interessa. Por outro lado consentem-lhes a livre frequência dos cinemas, a maior parte das vezes levando-os até na sua companhia. A consciência, certas marés, bem lhes grita que os meninos não devam ver aqueles filmes ou ler aquelas revistas ou jornais; mas tranquilisam-se logo com a enganadora consolação que "a criança ainda não compreende aquela coisa".

Aí está o maior engano! A criança é curiosa e reservada. Procura compreender as coisas por si mesma e intui, a partir de determinada idade, o que não deve perguntar aos pais porque estes lhe mentirão, ou lhe proibirão, de futuro, a frequência daquelas leituras ou daqueles espectáculos. A criança tem o companheiro ou companheira mais velha que interrogará e lhe fará luz no espírito, e quando os pais cuidam que os filhos não compreendem o alcance do que lêem ou vêem, as crianças estão muito além do que eles pensam, nos seus conhecimentos — simplesmente não os revelam para poderem continuar a gozar calma-

mente daqueles regalos.

As revistas infantis e juvenis são francamente más entre nós. À parte as publicações da Mocidade Portuguesa, aliás com pouca divulgação, deixam muito a desejar. Se a memória nos não atraiçoa, limitam-se ao "Mosquito" e ao "Diabrete" e aos suplementos infantis de certas publicações diárias ou semanais. Mas o que verdadeiramente tem abundado no país são revistas brasileiras hoje muito diminuídas na circulação por medidas governamentais, mas que infestam o nosso mercado leitor. Tais publicações sempre se têm revelado deseducativas, quer na modalidade das narrações, quer na linguagem incorreta e muitas vezes em calão, quer nas ilustrações. Veja-se a série de mulheres que ilustram essas histórias: desenhadas sempre provocantes, de seios erectos, de pernas elegantes e ao léo; vêm as bonecas de beijos apaixonados, as legendas de ditos pícaros e apreciações lascivas. Ora todos nós sabemos quanto estes bonecos sensuais excitam os sentidos e a imaginação da criança, principalmente na idade juvenil, despertando-lhe uma curiosidade, por vezes mórbida que, como tal, pode levá-la ao vício.

Bem avisadamente andaram as entidades dirigentes da Nação, criando uma comissão de censura para a literatura infantil.

Porque ainda há um mal bem maior em todas estas revistas infantis, tanto nacionais como

Continua na pág. 8

13.º ANIVERSÁRIO

Vamos lembrar, com prazer, a fundação do nosso clube, a que nos dedicamos de alma e coração, acarinhando-o com aquela ternura que só se usa para os entes queridos, com aquele desvelado cuidado que só dispensamos às coisas que amamos. A Académica é já uma senhora e a atestá-lo estão os 13 anos que vai comemorar em Janeiro de 1951. Nasce da irrequietude bulhosa de um punhado de "miúdos" do Colégio de S. Luiz, titubeante

nos seus primeiros passos, tão rica de ideais como paupérrima de recursos financeiros, fez-se grande, não ainda tão grande como o desejamos, pelo esforço um pouco desordenado mas indubitavelmente generoso e entusiástico dos que a têm servido. Dentro de Espinho, forma hoje uma força, uma força que começa a ser compreendida e, o que é mais, a ser respeitada. Podem classificar-nos de vaidosos, gabarelas,

Continua na pág. 4



ENTRADA EM CAMPO

SERMÃO AOS PEIXES

Em geito de aviso prévio, queremos, antecipadamente, para sossego de todos, declarar que não somos técnicos, nem temos pretensão de o vir a ser. As afirmações que temos feito ou viermos a produzir são alicerçadas na experiência adquirida em alguns anos de permanência nos meandros da actividade desportiva da Académica.

Terminado o preâmbulo, entremos no assunto que nos interessa. A equipa de oquei em patins, menina bonita dos associados e simpatizantes da nossa agremiação, vai sofrer forte sangria a crer nas inúmeras amputações que anunciam as vozes públicas. O Abel Santiago, desde sempre o melhor jogador da nossa equipa, vai de alongada até ao Ultramar Português, em busca de uma melhoria da sua vida particular que sinceramente lhe desejamos. O João Gonçalves, causador da maior parte das dôres de cabeça das sucessivas gerências da Académica, denunciou o seu propósito de nos abandonar. O Mário Gaioso solicitou a sua transferência. Outros elementos estão ou demasiado «verdes» ou «madurões». O futuro é, pois, pouco risonho. Poderão alcunhar-nos de pessimistas, mas uma análise fria e conscienciosa dos factos tem que conduzir-nos fatalmente a esta conclusão.

Todavia, parece não se ter penetrado bem a fundo nessa verdade, a julgar pela inércia até agora patenteada pelos responsáveis. Ocupamos no plano nortenho da modalidade um lugar de responsabilidade que é necessário defender. Uma equipa não se forma de improviso, nas vésperas das competições maiores. Exige-se, para isso, o afincado e dedicado trabalho em profundidade, bases inegáveis de qualquer obra. Mais do que à excelência de um ou dois valores individuais, um grupo em qualquer modalidade desportiva deve ao equilíbrio do conjunto a sua boa actuação. Para isso é necessário trabalhar desde cedo, procurando a harmonia dos atletas, estudando-se a tática a adoptar consoante as qualidades ou defeitos de cada um, limando as arestas que dificultam o aperfeiçoamento.

Não pretendemos ter «descoberto a pólvora», ou iniciado uma revolução nas maneiras de agir. No entanto, cremos ter a simpatia e o acôrdo tácito de todos, mesmo dos «comodistas» e «palavrosos».

Possam as palavras que deixamos atrás ditas servir de incentivo para os responsáveis que outro objectivo não tem o arrazoado; quando não teremos estado a pregar o sermão aos peixes.

P. M.

FUTEBOL PING-PONG

Detentor do título de Campeão de Aveiro, o Sporting de Espinho lançou-se, uma vez mais, no desentolar do Nacional secundário. Uma vitória, logo na primeira jornada, obtida no terreno adversário ficou diminuída com os fracassos dos jogos com o Oliveirense, Leixões e Salgueiros. Estes insucessos causaram no público espinhense aquele espírito sobejamente conhecido de intransigência e nada admirou que assobiasse o seu grupo no desafio com Vila Real. Os apupos, as gargalhadas trocistas, os assobios podem ser justos. Não negamos mesmo ao público a justiça de reconhecer que nessas atitudes havia grande parte de verdade, dado o comportamento de alguns, felizmente poucos, dos atletas. Mas não é assim que se incute entusiasmo e confiança a uma equipa. Os jogadores não precisando do exagerado apoio dos seus simpatizantes, exigem-lhes para pleno desenvolvimento da sua capacidade atlética, carinho e consideração. Porque uma ou outra ovelha tresmalhada do rebanho não é razão para medir a todos pela mesma razeira. Mas jogadores e adeptos não-de fazer as pazes. O valor global da equipa espinhense garante que os primeiros momentos deste campeonato não são a sua expressão verdadeira. O rendimento habitual voltará ao de cima e com ele eliminar-se-ão os queixumes derrotistas dos «doentes» da bola. Basta ter paciência e esperar com confiança.

A Associação Portuense organizou em boa hora um Torneio para abertura da época no qual a Académica inscreveu três equipas no intuito de manter em actividade oficial os seus jogadores. Distribuídas em duas séries, a equipa A classificou-se em 2.º lugar na série B, cabendo à equipa B o primeiro lugar da série A em que estava incluída a outra equipa espinhense. Deste modo competiu à Académica o direito de disputar com a Educação Física a final deste torneio. Nascimento e Miranda, os dois finalistas, venderam cara a derrota que surgiu pelo menor rendimento dado por este último na derradeira partida.

Resta esperar que este sucesso inicial se repercuta no decorrer do Campeonato Regional de 1950-51, a iniciar em breve.

JANTAR DE Confraternização

da Família HOQUISTA

Realiza-se no próximo dia 13 de Janeiro de 1951, num restaurante do Porto, um Jantar que reunirá os Dirigentes, Praticantes e Adeptos do Hoquei em Patins nortenho.

HOQUEI EM CAMPO

Na época anterior a equipa da Académica viu-se forçada a fazer todos os jogos no terreno do adversário. O Sporting de Espinho só poderia ceder o seu campo nas manhãs dos dias em que não houvesse encontros de futebol. Perante a resistência tenaz dos clubes praticantes do oquei, não foi possível encontrar-se qualquer solução conciliatória para o assunto, obrigando-se a sacrifícios os atletas, que, dedicada e desportivamente, levaram até ao fim a sua cruzada difícil.

Dado que as condições em que poderia ser utilizado o campo do Sporting de Espinho permaneciam iguais às do ano anterior, tentou-se esta época mais uma vez, conseguir que o problema se resolvesse satisfatoriamente. Numa reunião efectuada na Associação Regional o delegado da Académica, expondo com toda a clareza e sinceridade a situação, teve o prazer de constatar que, afinal, também no Oquei em Campo há camaradagem entre os clubes. Os representantes dos restantes concorrentes ao campeonato portuense deliberaram, por sua própria e exclusiva vontade, consentir nas alterações ao calendário que devessem ser

impostas de modo a que a Académica pudesse disputar encontros dentro dos limites da nossa terra. Assim, mercê do bom entendimento dos clubes, se respeita integralmente a letra dos Regulamentos, proporcionando magníficos alicerces para a boa harmonia de que esta modalidade tem andado tão necessitada. Saibam os oquistas espinhenses responder galharda e cortezmente à prova de consideração que lhes foi dada pelos adversários.

Iniciou-se o campeonato regional que, durante alguns meses, vai manter em actividade cerca de duas centenas de atletas. A Académica, vencedora no primeiro jogo, disputado com o estreante da prova, o Canidelo, sucumbiu nos jogos seguintes por marcas que não estão nos seus hábitos. Relembrada a consistência normal da sua defesa, atestada pela regularidade dos resultados obtidos, não é difícil averiguar de onde parte a vulnerabilidade das nossas redes. A defesa fraquejou e precisamente, do mais melindroso dos lugares da equipa — o guarda-redes.

Cursos de Treinadores

Das várias modalidades desportivas nosso país, o futebol é, sem dúvida, a que se rodeia de maiores cuidados na aprendizagem da técnica e da tática, através da divulgação jornalística, de livros e de Cursos para Treinadores.

No entanto, esses cursos, de tão valiosa acção, realizam-se de longe a longe. Diante esta falta de continuidade e na ausência de tais cursos nas outras modalidades, temos um índice, uma prova do horror que votamos ao estudo e aplicação da técnica, procurando a compensação no improvisado e no entusiasmo. Como consequência desta maneira de ser, o nosso desporto em geral, dificilmente poderá progredir e o país raramente levará vantagem no confronto com o estrangeiro.

Assim, será inútil formular esperanças no progresso e acreditar no futuro.

Deixemos a mentira e cuidemos do problema a sério. Sabemos que os otimistas sorriem e apontam alguns exemplos, mas estes não podem deixar de se considerar como excepções. E não é com a excepção que supriremos a falta do conjunto, da quantidade que produzirá os bons elementos para uma selecção.

Há ainda um pormenor a atender quando à excepção—a acção do tempo. Na verdade, pouco valem os esforços isolados e as qualidades ligadas a indivíduos certos e sujeitos à fadiga, ao peso dos anos.

Só os cursos de treinadores, organizados dentro dum plano metódico e insistente, poderão criar as bases necessárias ao progresso e à defesa dos valores conquistados.

Vêm estas palavras, a propósito do nosso hoquei patinado e do último Portugal-Espanha em andebol.

Vivemos actualmente a glória da posse do título de Campeões do Mundo de Hoquei em Patins e é natural que guardemos o título por mais algum tempo pois os homens da nossa equipe devem durar ainda alguns anos. Mas o tempo há-de falar e não vemos nem substitutos nem escolas para os criar. Atentemos nisto: um país campeão do mundo não conhece mais do que dois ou três bons treinadores e, na sua literatura desportiva, não tem um tratado da técnica da modalidade.

Desaparecendo José Prazeres, Emídio Pinto e os primos Correias, obreiros da supremacia que gozamos, com quem podemos contar?

Esperamos numa atitude comodista um conjunto de circunstâncias temporais que nos dê substitutos à altura. Contudo, se êsse conjunto não se verificar, bem pobre será o destino dos campeões do mundo.

Depois do Portugal-Espanha em Andebol, lemos nos jornais que os nossos vizinhos progrediram imenso e praticam um andebol moderno, o que evitou um desnível maior no resultado. Contávamos, portanto, com o esmagamento dos espanhóis e preparavamo-nos para entoar loas, mas fomos surpreendidos.

Não é difícil encontrar a causa do progresso do andebol em Espanha, ao saber-se que tiveram o cuidado de treinar debaixo da orientação dum técnico alemão, senhor dos últimos segredos da modalidade.

Enquanto nós confiamos na velha escola, habilidade natural, os outros não esqueceram a técnica. O futuro está à vista.

E' tempo de pensarmos no problema da técnica dos desportos que praticamos, se não queremos ficar para trás.

AS NOSSAS MOMENTOSAS, CONFLITUOSAS
NERVOSAS ENTREVISTAS (Pardão)

ENTREVISTAS

A maré é de rifinhas, sorteios, prognósticos, vigésimos. Não se ouve outra coisa nas ruas: são os oito automóveis por vinte e cinco tostões, os doze da Avelada, as casas do Lar do Comércio, oito mil contos do Natal, enfim, tudo aquilo que só sai aos outros como dizia aquele altruísta ali à esquina do Chinez (que chinez?).

Por isso decidimos entrevistar certas figuras da nossa cena, em especial alguns dos assíduos frequentadores da nossa sede. E nós, que desde a Volta a Portugal em 1949 não tínhamos dado mais o gosto ao dedo, aí vamos dar conta aos nossos leitores, avaros destas sensações tão extraordinárias...

Começamos como não podia deixar de ser, pelo nosso pesado, isto é, presado director, que à nossa pergunta "Que farias se te saíssem 8.000?", respondeu:—Com esse "milho" todo fazia um edifício com 20 andares sendo os 10 primeiros para uma bruta padaria a vapor, e os dez últimos para a redacção do meu querido "Rumo". Nas águas furtadas serviria uma sarrabulhada todas as semanas. Se me desse na cabeça — e não sou cabeçudo — arranjaria cabeçalhos novos para o jornal.

Além do nosso dinâmico amigo, encontramos na sala da Secretaria o Presidente Reis que conversava com o Tesoureiro Nicolau e o Secretário Carlos Morais. Eis o que nos disseram.

J. Reis—À cabeça, e com toda a proficiência, era uma grande chumbada, garantidinha. Depois, sei lá, era... um desastre de camionete!

Nicolau—Com essa bolada, metia-me no trem, ia no Porto, pegava o bonde e comprava mesmo um arqueiro eléctrico para o futebolzinho. Nem os cracks todos do quadro vareiro nem o pessoal de esguicho todo aqui debaixo me metiam frangos...

C. Morais—Contratava uma dactilógrafa de 40 anos, trocava-a em duas de vinte e punha uma aqui na Secretaria a escrever os officios. —E a outra? perguntamos nós interessadíssimos.

—... (Silêncio!)

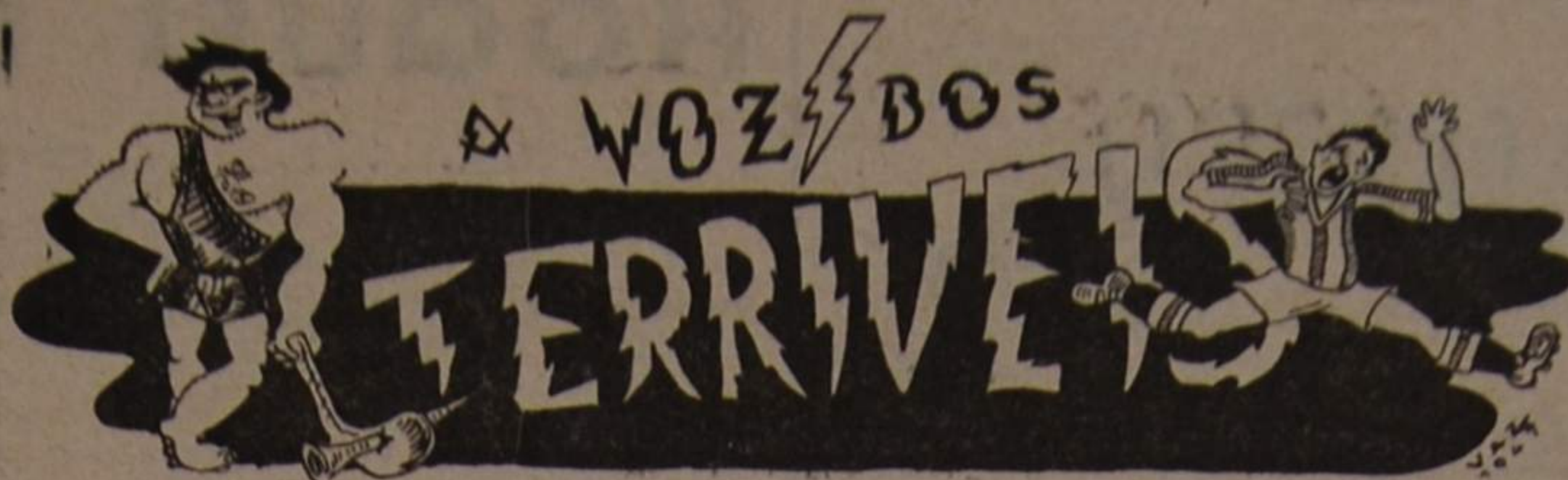
Ao sairmos da sala esbarramos com o atarefadíssimo Xico Caldeira, o *barman* e *cabaretier* mais eficiente que conhecemos. "Não tenho muito tempo para entrevistas, ando "enrascado". Mas olhe, deixava de andar à rasquinha: comprava uma Sarrasqueta e ia aos parais!"

Na sala de armas, o Sílvio atirava, e o Abel de Oliveira dava indicações teóricas. À nossa sacramental pergunta, responderam-nos:

Sílvio—Comprava uma data de perús, e escusava de gastar fôsgoro e de ficar com os olhos em alvo de tanto atirar ao idem.

A. Oliveira—Financiava carreiras aéreas entre Espinho e Luanda e se me desse na lagartice, até com-

Continua na pág. 5



Insatisfação...

Decididamente há pessoas que vivem só para criticar, dizer mal e deitar por terra as boas intenções. Não sabem o que custa a criação, o desenvolvimento de uma obra, desconhecendo o trabalho e os sacrifícios que foram precisos para ela poder enfileirar ao lado das realidades boas. São uns verdadeiros apóstolos da insatisfação e da má vontade. Pregam a todos os instantes a desconfiança e a derrota e babam-se de gozo quando conseguem adeptos que digam "amen...". Quando encontram resistência, equilíbrio e ponderação, esbravejam e acusam. Bom seria que a sociedade fôsse catalogando estes indivíduos, erva daninha no terreno bom, e os pusesse no seu devido lugar, na prateleira das inutilidades, bem longe dos esforços que procuram ser conscienciosos e construtivos.

Vem isto a propósito de certas "piadas", acusações veladas ao nosso jornal.

Dizem eles que o "RUMO" agora já não dá "pancada", que está fraquinho, etc...

Ora, o jornal não existe só para criticar e dar as tais bordoadas, não cuidando de razões ou circunstâncias. Nós não fazemos crítica para satisfazer os "maus instintos" ou a "má língua", desprezando o direito e o bom senso. Há uma preocupação a nortear, a dirigir a nossa actividade num sentido amplamente construtivo, pugnando pelo progresso de Espinho e pelas boas manifestações da nossa sociedade.

Castigamos e acusamos somente, quando os erros e as falhas existem.

Se o jornal não tem criticado mais é porque não tem havido motivos para isso. Lembramos aos "doentes" a imparcialidade da nossa posição mantida até hoje e aconselhamos a leitura da colecção do "RUMO" para verificarem a verdade do que afirmamos. Poderão vêr que tanto se louva como a seguir se critica logo que aparecem motivos para a crítica.

O nosso jornal tem um rumo marcado que não mudará.

Para já, aqui fica a "bordoadas" nos tais senhores insatisfeitos que têm lugar marcado na prateleira das inutilidades.



FÁBRICA MODERNA DE
CARPINTARIA E MARCENARIA

José Augusto da S. Quintas

TELEFONE 59 • ESPINHO

Mau Sintoma...

Determinados aspectos da nossa sociedade podem surgir com intensidade, sair da vulgaridade, logo que o imprevisito entre em acção. Assim sucedeu com um hábito, aparentemente inofensivo, de certo grupo de senhoras da nossa terra. Um pequeno escândalo rebentado ali mesmo, num dos nossos cafés, no meio de algumas chávenas e dum monte rendilhado de coloridas lãs, além de vir despertar o riso e alguns comentários picarescos, deu realce a um costume perdido na banalidade.

À cena feita por senhoras, transformadas, pela discussão, pelos nervos, pelos insultos e pelo palavreado ordinário em caricaturas grotescas de pessoas da pior espécie, não é tão mesquinha como parece à primeira vista e bem merece uma apreciação da nossa parte. É digna dos nossos cuidados porque nos revela um mau sintoma da vida espinhense. Um sintoma que está intimamente ligado ao culto que muitas famílias prestam à "Vida de Café". Parece terem casa alugada só para guardar os móveis e servir de pensão. Não souberam ou não quiseram criar esse conjunto admirável de pequenas coisas, de pequenos hábitos, que fazem um Lar, que criam um ambiente de ternura e carinho, que constituem a verdadeira e benéfica vida familiar. O primeiro a procurar o Café foi o pai, ansioso por mexer nas pedrinhas negras pintalgadas e por ouvir os mexericos do dia, as notícias sensacionais da política local. Depois, foi o filho, desejoso de parecer gente, de tomar contacto com uma vida que parece cheia de encantos, e de aprender a bela ciência de matar o tempo com a ociosidade. A seguir, para não ficar atrás, para espiar os seus, para fazer da vida alheia um «tricot» complicado, aparecer-nos a mãe, armada de lãs, de agasalhos e duma «língua de prata». Já há quem leve a sopeira para tomar conta dos meninos, do cãozinho querido, e para mostrar categoria. Qualquer dia levam os gatos, as gaiolas dos pássaros, o aparelho de telefonia, a máquina de costura, etc... Só não levam a cozinha, os quartos e a sala de jantar, para não dar a conhecer certas fraquezas.

Francamente, não queremos dizer que se deixe de frequentar os cafés uma vez por outra, que não se tome até café e se lanche todos os dias, mas para isso não é preciso fixar residência em volta de uma mesa redonda. Aos proprietários dos cafés interessa apenas a despesa e não o desgaste rápido da mobília.

Temos quase a certeza de que estamos a bradar no deserto mas fica a nossa consciência tran-

13.º Aniversário

Continuado da pág. 1

imodestos. Não interessa. Podemos, com verdade absoluta, gritar bem alto que o nosso trabalho constitui um EXEMPLO. A mocidade provou que, quando quere, pode e sabe fazer o necessário.

A nossa juventude impetuosa produziu uma obra de que podemos orgulhar-nos, embora, infelizmente, não seja perfeita.

Remando contra a maré da indiferença dos mais velhos, sempre desdenhosos dos nossos projectos, fizemos, à custa de mil e uma canseiras, o nosso clube. Periódicamente se mudava de sede. A mobília, as taças, as pastas de arquivo da Secretaria montavam arraial nas casas dos secretários, e, um bocado aqui, outro ali, perderam-se elementos preciosos para uma futura narração do que foi o período prehistórico da Académica. O que nunca se perdeu foi, felizmente, o entusiasmo e dedicação.

Jogou-se futebol, praticou-se o atletismo, o andebol, o basquetebol, modalidades que desapareceram do nosso clube por falta de atletas. Mas, em compensação, manteve-se o voleibol, o ping-pong, o oquei em campo, desenvolveu-se, mercê das boas qualidades dos jogadores, o oquei em patins, hoje a mais famosa e apregoada das secções desportivas da Académica. Balbuciou-se uma ambiciosa actividade cultural, que se projecta na realidade do nosso jornal, tribuna livre onde tem lugar todo aquele que, com boas e honestas intenções, pretende contribuir para o desenvolvimento e melhoria da nossa terra e da nossa colectividade.

São esses treze anos, poeira invisível na imensidão dos tempos, o que a actual Direcção da Associação Académica de Espinho vai comemorar no próximo mês de Janeiro. Esboçou-se desde já um plano. Assim, teremos uma sessão solene em que serão distribuídas medalhas aos sócios e atletas que tal mereceram; no dia 27 haverá um jantar de confraternização dos associados e simpatizantes do clube; um torneio de tiro reduzido na sede; provas desportivas e o mais que adiante se verá. Nada de pomposo. Nada inteiramente a rigor. Que as nossas atitudes, pela sua exuberante sinceridade, são modestas e despretenciosas.

Diante certos grupos de senhoras que mexem, furiosas, as agulhas, castigando a lã inocente, sentadas nos cafés, de manhã, à tarde e à noite, e que, de vez em quando, mostram a sua verdadeira qualidade; diante o espectáculo triste que se poderia evitar se soubessem viver em casa; diante a benevolência de certos chefes de família que não cuidam de resguardar melhor a triste sorte que lhes coube; diante o modo de vida defeituoso da nossa sociedade esquecida dos benefícios da vida familiar; diante tantas razões não podíamos ficar calados.



Acerca de "Ladrões de Bicicletas" e "STROMBOLI"

O que vamos tentar focar não deve constituir novidade para a maior parte do frequentador mais ou menos esculpidos das nossas salas de cinema. Portanto, não vamos pretender ter descoberto a pólvora sem fumo, mas sim alinhavar em breves linhas o que nos sugeriram as recentes exhibições no Porto dos filmes italianos *Ladrões de Bicicletas* e *Stromboli*, aliás dois filmes discutidíssimos e causadores dos mais dispares comentários por parte dessa massa inconsistente chamada público.

Assistimos à estreia de *Ladrões de Bicicletas*, e tivemos de suportar exclamações de enfado, comentários pouco lisongeiros, lamúrias ao dinheiro perdido que coroaram a exhibição. Ao fim de uma semana o filme retirava do cartaz, como costuma suceder aos filmes realmente bons... Como explicar a reacção por parte do público perante um filme de excelente e excepcional categoria como este?

Será possível que possa existir tal estado de catalepsia ou de simples estupor que mantenha na indiferença e consiga mesmo aborrecer o espectador? Não é impunemente que se mexe com a consciência de certa camada do público, e vai de desancar a Arte pura...

Sabemos todos qual a causa directa: a mentira do cinema americano. É o mesmo público que aceita sem qualquer pejo, se deleita sem raciocinar toda a casta de falsidades atentórias à Verdade e ao Bom Senso que sai delirante com o ingénio *happy-end* e vai para casa continuar a cultivar o seu atrofiado espírito lendo livros cor de rosa com a Mary Alice Love Ogando à mistura. A vida é tudo conforto, luxo, casacos de marta, fogões eléctricos na casa de todo o desempregado que se preza, um beijo a sanar todas as catástrofes, tudo isto e a Jane Russel também...

Mas nós sabemos bem que a nossa imaginação não nos pode levar a tal idealização da vida. O Cinema há muito que está consagrado como Arte. Arte é expressão e como tal tem de se comportar, não se podendo negar a si própria.

A Itália deu a tempo o sinal de alarme e novos métodos surgiram. Mais do que isso: das cinzas dum país duramente flagelado pela guerra ergueu-se uma nova escola. Hoje o chamado neo-realismo é uma consoladora realidade, os processos e as ideias de Hollywood obsoletos. Rossellini foi um dos que conquistaram louros na nova escola. A revolução nasceu até de um filme seu, *Roma, Cidade Aberta*, qualquer coisa de novo, diferente, real, agitado, a vida pela vida, sem artificios de ordem especulativa. Depois surgiram *Viver em Paz*, *A Zangateira*, *Libertação*, *Sonhando pelo Caminho*, e agora e finalmente *Ladrões de Bicicletas*, que pode figurar sem desdouro ao lado de qualquer destes, pois só valoriza o núcleo.

Mas Rossellini, uma vez consagrado, cometeu um erro profundo. Talvez obcecado por certa ideia fixa — e a Ingrid Bergman não devia andar alheia — e julgando que era só dar à manivela e impressionar o celuloide com qualquer insípida realidade, que a sua escola, o seu neo-realismo continuaria a andar em frente. E eis que faz o seu último filme, que chega até nós aureolado por uma estúpida e quase fatal propaganda. *This is it! Bergman and Rossellini! The place: Stromboli!* Não teve a arte ou a visão suficiente para o arranjo estético indispensável a qualquer filme, realista ou não.

Stromboli redundou num fracasso enorme, insípido, parado, com Ingrid Bergman perdida e aflitivamente deslocada.

A escola não chegou a perder com isso e a lição ficou.

Precisará Espinho de um Novo Cinema? Agita-se Espinho no seu novo e transcendente problema. Achamos que precisa, muito! Exactamente como precisa de 2 piscinas, 3 Casinos, 4 praças

Galeria de Figurões

III



Escreve, em prosa bem «gira»;
Artigos cheios de luz...
— E creiam — não é mentira! —
A's vezes puxa da lira
E escreve rimas de «truz»!...

Fados... guitarras... cantigas...
Futebol... ténis... caçadas...
— Ama as virtudes antigas,
E aos modernismos faz «figas»
Com «teorias» pegadas!...

Na África, como um nababo,
Foi à caça do leão
E apanhou um pelo rabo!...
— Deu costelas ao diabo,
Mesmo sem ser Pai Adão!

Lé Pacato

A Mulher na Música

por MÁRIO NEVES

Em todas as artes, mas talvez mais na música, a mulher tem tido papel preponderante como inspiradora das grandes obras.

A «Sonata ao Luar», de Beethoven, ao «Sonho de Amor», de Lizt, à «Serenata», de Schubert, e a tantas mais, não foi a mulher alheia à sua composição.

A mulher, como fonte de inspiração da música, nasceu com Euridice. Foi Orfeu que, nela inspirado, e graças aos acordes maviosos da sua lira, conseguiu do demo a libertação da alma da sua amada.

Na vida de João Sebastião Bach e de Roberto Schuman foi a mulher, mais do que na vida de quaisquer outros, a grande inspiradora das maravilhosas composições que iriam fazer daqueles dois homens grandes vultos da Humanidade.

Na humilde existência de Bach nunca a felicidade andou arredada, graças aos belos dotes de Ana Madalena que foi, além de esposa extremosa, uma grande colaboradora, tendo, inclusivamente, ajudado Bach na cópia das suas composições, muitas delas — como o «Livro de Madalena» — a ela dedicadas.

de touros, 5 aeródromos e... 30 jornais locais. Pois se isto é uma autêntica mina de ouro, e que dá para tudo!...

A felicidade de Bach foi uma felicidade calma, reflectida bem na «Aria para a Quarta Corda», apesar da numerosa prole que lhe enchia o lar — teve sete filhos da sua primeira mulher e doze do matrimónio com Ana Madalena.

Outra «Euridice» foi Clara Schuman. A ela se deve a divulgação da música de Roberto Schuman, pois, nas digressões que, como pianista exímia fez, sempre incluiu nos programas composições de seu marido.

Devido à grave doença que cedo atacou Schuman — a loucura — renunciou a muitos contratos nas principais cidades europeias, só para não abandonar o seu esposo, mantendo-se a seu lado, enchendo-o de carinhos e para ele tocando as suas belas composições.

Depois da morte de Schuman, Clara ainda com mais entusiasmo se dedicou à sua obra. Foram perto de quarenta anos de devoção à sua música e saudosa recordação do seu amado Roberto.

Na arte de Orfeu, dentro do grande número de inspiradas melodias, nem sempre a mulher foi motivo decisivo, embora em alguns casos, se julgue o contrário.

Os nocturnos e valsas de Chopin, aquelas composições de tão bela melodia, tão apaixonada

ENTREVISTAS

Continuado da pág. 4

prava o Chino para os Passadiços... Um clamor abafou este rugido... de leão. Eram os *Benfiquistas da Sede* (são tantos que têm de ir a tipo mais miúdo):

O Cassiano e o Oliveira, mais o Eng.º Pais, o Carlos Xabregas, o Lopes, o Victor Hugo Martins, o David Martins, o Alberto Alves, o Paulo, o Ernesto, o Furriel, o outro Furriel, o Pedro Rezende, os dois Andrades, o Gayoso, o Dr. Moreira, o Neto, etc etc etc. que avançaram e protestaram:

— Ia mas era para o Benfica! E se nos subisse o nosso rubro sangue à pinha, até comprávamos o Travassos e Vasques. Até logo e... *et pluribus unum!*

— O furiosíssimo Xico Rezende pegou-nos pela gola do casaco (como é que ele conseguiu chegar cá acima?) cravou-nos as garras como se fôssemos qualquer leão desprevenido (e nos tempos que correm é preciso ter-se lata para ser-se leão...) e berrou:

— Olhe que eu fui à festa do Azevedo, percebes? Se aquilo é que são violinos, embarco outra vez para o Brasil! Ó pá: vi lá um joguinho nocturno, em 1942...

Desatamos a fugir e refugiamos-nos na Sala de Vasa e chocamos com um *mirone* que saía. Era o Dr. Virgínio que nos disse:

— Fazia uma extravagância: trocava esta nota de 20 paus que trago no bolso há dois anos em moedas de tostões e desta vez pagava eu o futebolzinho. Ó Nicolau!

Lá dentro entrevistamos o Serralva, que nos apertou o *bacalhau* e disse: — Com essa *massa* toda passava para as mãos o monopólio comercial da terra. Mas até aposto como não sai.

— Aposto eu! (é claro que era o Mário Neves). Vão vinte pauzinhos?

E lá ficaram na aposta. Depois, lembramos-nos de entrevistar o nosso ex-director Higino Pires. Ligamos para o Nun' Alvares e voz maviosa musical nos respondeu (era das bilheteiras!).

Depois falou o fundador do nosso jornal, da Gerência:

— Com esse irrisório e avultadíssimo espólio, se não me complicasse a nevrose, materializava os devaneios da minha imaginação e... ia tudo razo! Havia de ser um «arraial» bonito!

Tínhamos decidido fechar as entrevistas mas a voz canora do Melro chamou-nos a atenção.

A' nossa pergunta respondeu:

— Chegava tarde quantas vezes quisesse à sede e se o Snr. Afonso me *chateasse*, atirava-lhe com a caixa da graixa à cabeça. Depois comprava outra para mim, mas das que são alcoólicas, atónicas, tónicas, ou atómicas, ou lá o que é. Ou então, *inléctrica*.

Mas o Afonso ouviu, saiu de lá de dentro disparado e berrou:

— Atirava o quê? Eu quero muito respeitinho aqui dentro, senão chamo o Snr. Cal, o Snr. Cal, Cal deira!

Livra!

Reporter Chibas (Pai e Filho)

(Nem a terminação nos saiu)

LEIA + ASSINE + PROPAGUE

R U M O

Continua na pág. 7

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CAFÉ LUGIL

Completamente remodelado e
ampliado com novas instalações

Os desportistas apreciam
UM BOM CAFÉ no...

CAFÉ GIL

AVENIDA OITO • ESPINHO • RUA 19-TEL. 306

CEREAIS • MERCEARIAS • AZEITES • EXPORTADORES

Cadinha & Couto

ARMAZENISTAS

RUA DEZOITO • ESPINHO • TELEFONE 52

A QUALQUER HORA BEBA
CARVALHELHOS

AGENTE EM ESPINHO *A. Ribeiro*

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA
DUARTE & C.^A

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)

Largo dos Aviadores, 104

Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451

Telefone 16

ESPINHO



CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRAA DE SOUS JÚNIOR

RUA DEZANOVE • TELF. 99 • ESPINHO

F E R R O E A Ç O

A. Trindade, Sue.

Depositário da

LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 • ESPINHO • TELEFONE 39

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 • 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.º S.º da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS • GABARDINES • CAMISARIA • CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 341 (Cham.)

FATOS PRONTOS A VESTIR • FACILIDADES DE PAGAMENTO



FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.^A, L.^{DA}

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FÁBRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA

PORTO • GAIA • RÉGUA • ESPINHO • TORRES VEDRAS

SOLCRIS

...É UM ESTORE

N A S C E N T E

«Nascente» é a página escrita pela mocidade escolar da nossa terra, o espelho das virtudes e das promessas duma geração que nasce.

*

Da nascente brota a água límpida, pura, oferecendo aos homens a frescura e a paz.

Da «Nascente» veremos a simplicidade, a ingenuidade, lembrando verdes anos, recordando um tempo feito de alegria e de sonho, tocado por brisas suaves.

Da nascente salta a energia irrequieta e buliçosa, desconhecendo obstáculos, ganhando lugar, correndo sempre ávida de novas conquistas, semeando amizade, crescendo sempre, crescendo até se tornar grande e forte, indomável, para, perto do fim, escolher a tranquilidade e continuar, imperturbável e serena, dona de mil segredos.

Da «Nascente» veremos a juventude inquieta derrubando muralhas, vencendo perigos, espalhando lealdade, cultivando a força e o amor, erguendo-se forte e insatisfeita diante do fim longínquo, do desconhecido.

Esta «Nascente» é diferente. A energia libertada jamais repousará. Há-de lutar sempre pela posse do maravilhoso distante.

Oxalá o caminho escolhido pela força a libertar-se conheça sempre a Paz e a Justiça.

A. G.

Dois contos do Natal

Na montanha nua e escalarada, um homem caminhava silencioso e acobrunhado pela neve cintilante. Noite fria e gelada, tal qual o coração daquele homem...

Recordava os tempos da sua infância, em que jogava o pião e a bandeira com os amigos. Depois o dia da Comunhão Solene, o beijo da mãe logo de manhã cedo, a procissão...

Tempos felizes aqueles em que o seu coração estava cheio de amor divino. Depois tudo passou numa correria veloz.

E agora... ali estava, desejo de vingança dentro do peito... O pai tinha-lhe morrido na guerra, a mãe passado pouco tempo também morreu de saudades pelo marido.

Ele tornava-se um vagabundo. Não tinha quem o encaminhasse para o bem...

perdeu todos os seus sentimentos religiosos... Agora, queria agradecer em Deus, para poder perdoar, mas não podia. A sua alma estava em farrapos, era muito difícil juntá-los. Por isso caminhava sempre. O desejo de vingança cada vez era maior. Havia de vingar a morte daquela a quem amava...

Numa sala escura e térrea, em plena serra, quatro homens, em volta duma lareira, festejavam a Noite de Natal, rindo e falando d' Aquelle que há muito nasceu para salvar o mundo. Eis senão quando, se abre a porta e o homem silencioso, que caminhava pela serra, entra, os olhos chamejantes de cólera e pergunta: — Que noite é a de hoje?

— Natal — responderam-lhe. Num momento, toda a cólera se desvaneceu, para dar lugar a uma infinita doçura. Uma prece subiu aos seus lábios, e, entrando, sentou-se à lareira.

Simplez palavra capaz de transformar em perdão a pior cólera.

Noite de Natal. Noite feliz em que se comemora o Nascimento de Jesus. Em todos os lares há alegria e risos; só naquela casa fria e húmida reina a tristeza e a saudade. Cristina sòzinha chora a sua desventura. O pai internado num hospital está à morte. A mãe tinha morrido há três anos, logo ao acabar de nascer o Rui. Agora, ali estava só com o irmão que tinha adormecido há pouco...

Que triste é assim o Natal enquanto todos se divertiam e consoavam entre risos e brincadeiras. Há três anos que não sabia o que eram carinhos... E começou a chorar, num choro convulso e abafado, que reflectia toda a sua dor e mágoa. Era preciso acabar com aquelas lágrimas, não fosse o Rui acordar, pois era muito pequeno para compreender o que era a solidão.

As horas passavam lentamente e Cristina nem dava por elas.

Meia noite! Os sinos da capelinha repicam alegremente, convidando os fieis a virem assistir à Missa do Galo. Mas ela não podia deixar o irmãozinho sòzinho. Mesmo assim ajoelha a pedir a Deus conforto para a sua dor e saúde para o pai. Uma nova alegria inunda-lhe a alma. Levanta-se mais sossegada. Jesus ouviu a sua prece e uma estrela brilhou mais cintilantemente no céu fazendo entrar pela sua janela uma claridade irradiante, muito doce e suave.

Jesus nascia!
E com os olhinhos cheios de lágrimas, a rapariguinha sorria para a estrela! Reinou a paz na Terra e em todas as almas de boa vontade!...

María Quitéria S. Paiva
(2.º ano — 11 anos)

Duas sílabas capazes de fazerem prodígios!!..

María Miquelina B. Antunes
(2.º ano — 13 anos)

A Ilha da Madeira

A paisagem sempre verde dos vales, as pequenas casas duma brancura sem mancha, envolvidas em ridentes fundos arborizados e culturas, as flores, o mar sempre azul e espumante, os barcos de pesca com suas velas magestosas, tornam a Madeira um dos mais belos lugares da Terra.

A Madeira, vista por mar, parece um lindo presépio, e o Funchal, sua capital, um anfiteatro alegre. Aquelle presépio iluminado na noite final do ano assume proporções de magia que endoidece qualquer pessoa, enfeitando os olhos.

A cidade do Funchal tem uma vida mundana intensa, plena de esplendidas luzes, cheia de cafés e boas casas de comércio, de restaurantes e de novos e modernos edifícios. As novas e compridas avenidas manchadas aqui e além por alegres raparigas que ainda usam o engraçado vestido vermelho às riscas que lembra a corola duma grande e estranha flor, dão à cidade um aspecto moderno e característico, e falam dos esforços para atrair à ilha os turistas.

A Madeira pode ocupar um lugar honroso no turismo mundial, mercê do seu clima atraente e aprazível, dos seus montes e colinas atapetadas de verdura, das suas fontes de água cristalina e pura, das suas aldeias limpas e alegres, daquelas veredas e vielas encantadoras, daqueles caminhos estreitos mas graciosos, daquele rodar dos moínhos sempre a gemer e a cantar noite e dia, das romarias, do ceo sempre claro e cheio de lindas estrelas.

A Madeira, enfim, parece-se com uma mulher bela e complicada, para gostar da qual é preciso tempo, pois que, todos os dias se lhe pode descobrir mais um encanto oculto, como um sorriso ou um olhar. Possui ainda no interior, preciosas belezas que só se descobrem com o tempo. Belezas feitas das maravilhosas paisagens do interior, das altas montanhas que as nuvens cobrem e da horrída visão de precipícios grandiosos que detêm, ao fundo, o mar.

O que mais me encanta é o nascer do sol, qual torrão brilhante que parece sair das estranhas do mar, para nos dar a tão desejada claridade.

E que dizer da lua da minha terra de que tenho tantas saudades. E' vê-la lá no alto, iluminando, de mansinho, e cá em baixo os rapazes divididos em ranchos, andando de guitarra à tiracolo para namorarem as moças que vêm à beira do caminho. Oh noites de luar quem aí pudesse voltar!

Parece-me que estou vendo a Madeira e sinto-me tão enamorado que o meu gosto era fugir para ela e nunca mais a deixar.

A Mulher na Música

Continuado da pág. 5

das, composições que fazem adivinhar um amor desvaído, nasceram pura e simplesmente duma inspiração vulgar — é certo que doentia — como quase todas as composições de Chopin.

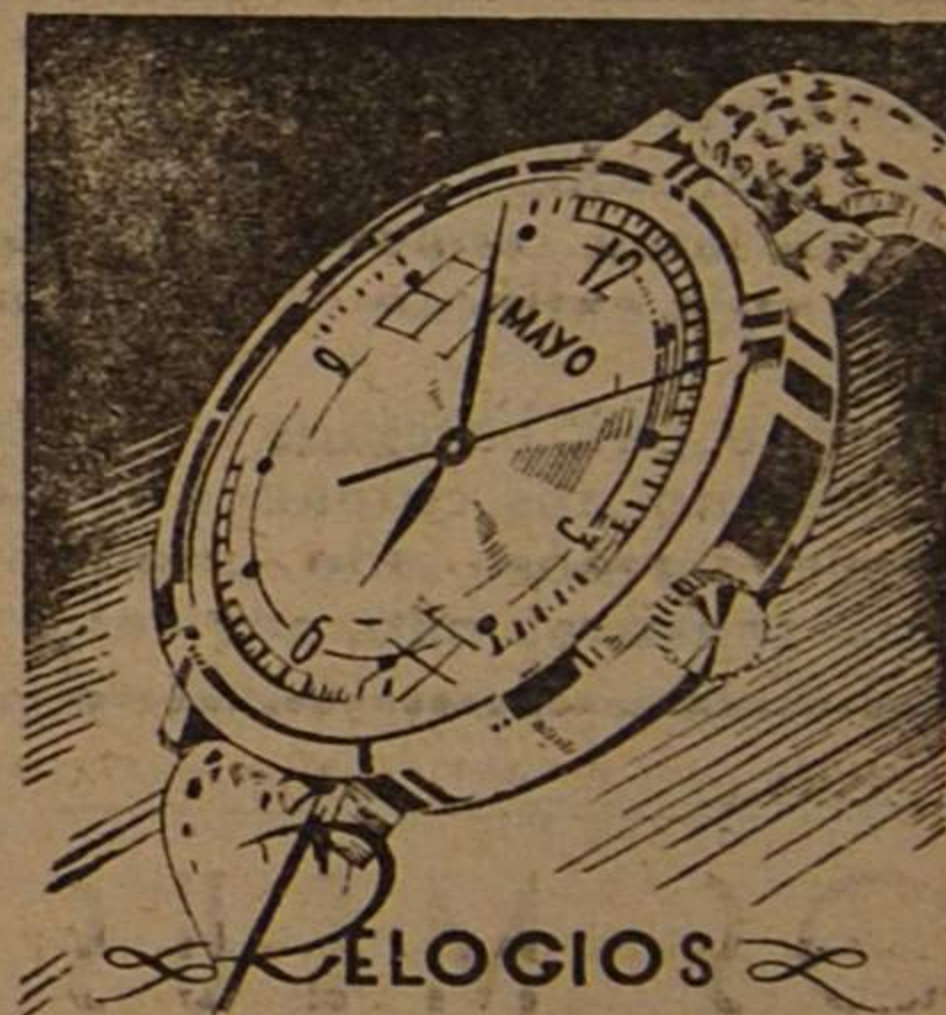
George Sand, a imaginária paixão do autor das «Polacas», não teve, na música do artista, a influência que tantos querem ver.

E' certo que viveram juntos muitos anos em Paris e nas Ilhas Baleares, mas este romance nunca passou dum vulgar amor ilícito sem influência, repito, na vida do artista.

Também Ligt, esse grande amoroso, não passou dos mesmos amores de Chopin, embora, em quantidade tal que quase poderemos filiar a inspiração do húngaro que viria a ser padre... nas saias.

Sobre amores nobres e as vidas felizes dos casais Bach-Madalena e Schuman-Clara pouco se conhece e pouco se escreveu.

Pelo contrário, dos amores ilícitos e romances sem influência na obra dos artistas, conhecem-se de fio a pavio e escrevem-se linhas, triste é dizê-lo. Mas a causa desta tendência está sem dúvida no gosto pelo romance sensacional e escandaloso. O Mundo ama o imprevisito doirado pela poesia e pelo amor.



RELOGIOS
MAYO
PRECISÃO ABSOLUTA

Sê bom assinante do
R U M O
angariando assinantes

Mas não posso porque ando a estudar no continente, contudo, não deixarei, se Deus assim o destinar, de ir de vez em quando respirar o ar perfumado da minha querida ilha.

A Madeira, enfim, está constantemente no meu coração e, para sempre, será uma saudade a despertar-me a alma.

Januário F. Lobo (4.º Ano)

A Criança, a Literatura e o Cinema

Continuado da pág. 1

estrangeiras: é a mania dos «quadriños». Nada mais deseducativo do que um processo de narração, que não desperta na criança aquele espírito de ordenação e clareza de ideias necessárias á narrativa, antes a lança depois, em descrições pessoais feitas sem conexão, em notas isoladas, falhas de clareza, numa economia de expressão de todo condenável.

Bem sabemos que a vigilância dos pais se pode ser muito, não pode ser tudo na repressão destas leituras deseducativas; essas revistas proliferam de tal modo que, na rua, na escola, sempre a criança as obtem de empréstimo e as devora às escondidas. Por isso é que aplaudimos a repressão, que aos serviços de Censura cabe fazer no futuro a uma má e perniciosa literatura infantil.

O mesmo se dá com o cinema. Mas aí a culpa dos pais é mais acentuada. Há uma lei que proíbe a frequência de crianças de certa idade (mas o limite é precário) aos espectáculos; vê-se porém, na generalidade, a sua inobservância.

Na falta de sessões exclusivamente dedicadas á infância (alguns cinemas do Porto, pelo menos, fizeram com sucesso a experiência, mas não a continuaram, ignoramos porquê), cabe aos pais uma censura activa aos filmes cuja exhibição facultem aos filhos.

Como pai, batemos no peito e confessamo-nos culpados de nem sempre termos sido vigilantes numa censura, não por falta de

previdência, mas por má informação. A crítica cinematográfica no nosso país é insufficientíssima e quase sempre guiada por interesses comerciais, o que quer dizer, parcial. Torna-se difícil aos pais conhecer antecipadamente se os filhos podem ou não presenciar a exhibição de um filme. No entanto, a experiência ensinam-nos um grande número de filmes que não devemos consentir aos nossos filhos, como os de tema policial, de terror, de guerra, de gangsters, de ambiente pesado, de conflitos passionais, do mesmo modo que, no teatro, lhes não devemos facultar a revista, a comédia burlesca, pela pornografia em que caem. A saúde da criança, por exemplo, impõem-nos a obrigação de não lhe consentirmos, a miúdo, os espectáculos nocturnos; e, se estão na idade escolar, só lhes consentiremos, quando muito, nas vésperas de feriado.

E, francamente, na dúvida e na falta de um conhecimento exacto sobre a índole do espectáculo, é preferível impedirmos os nossos filhos de o frequentarem, a facultar-lho.

Porque, no final de contas, é dos problemas mais descuidados no nosso país esse da educação da criança pelo livro, pelo jornal, pelo cinema — os mais ricos de possibilidades educativas e que são totalmente desaproveitados nesse aspecto, antes desempenham um papel totalmente oposto ao daquele veículo educativo que poderiam vir a ser.

Vasco Luis

OS MEUS AMIGOS

III

Era ainda menino de calções e vi-o, naquela figura grotesca que todos conhecemos. Tinha uns olhos tristes e ingénuos.

Sentado num andaime, comia bocados de um queijo que um latação saboreava numa prancha mais acima.

Mais tarde atacava uma lata de conservas, precavendo-se com uma máscara anti-gás, pois o manjar fôra rejeitado pelos camaradas de trincheira.

Depois, como a fome apertasse, cozinhou um par de botas e saboreou-o como se fosse um frango assado.

E sempre assim: cómico e ridículo, solene e triste; escorria riso e suava tragédia.

Peça no Homem e na Vida, agarra-se á Sociedade e á Contradição e cozinha tudo numa caldeirada monstruosa onde, coada pelo cómico, se vê toda a Podridão, todo o Desespêro e toda a enormidade da Dor que é imposta aos homens pelos próprios

homens.

E' a Sociedade em decomposição. E' o período agitado entre as duas guerras.

Uns olhos tristes e ingénuos; um fato curto, rematando em baixo numas botas tortas e em cima num chapéu de côco muito ensebado; e, a rematar, uma bengalinha muito frágil.

E, por detrás, uma inteligência clara, um génio artístico incomparável, um espírito crítico de uma independência corajosa.

Mas eu tornei a vê-lo e, desta vez, fardado e arrogante.

Parecia um saco de batatas a pavonear-se pelo Mundo.

E este... rebentou de riso!

Sei que nasceu numa rua escura e húmida, em Londres, e que se chama Charlie Chaplin.

Isto é o nome.
Ele é o cinema.

P. M.

BALZAC

Por NUNO RANGEL

Na noite de 17 para 18 de Agosto de 1850, em Paris, findava a vida num corpo devastado, arruinado. Num quarto cheio do odor fétido de animal pôdre, libertava-se um espírito de fulgor intenso que iria animar, criar uma auréola, num busto de mármore, esquecido na casa, distante dos animais, longe das lágrimas.

O mármore branco e puro passava a ser um símbolo a desafiar o poder do tempo.

Passados cem anos, o mármore irradiava uma força extraordinária, prometendo a imortalidade, recordando as palavras de Victor Hugo, no cemitério de Père Lachaise: "Ah! Este trabalhador poderoso e infatigável, este filósofo, este pensador, este poeta, este génio viveu entre nós uma vida de tormentos, de lutas, de quizílias, de combates, comuns em todos os tempos a todos os grandes homens. Hoje, descansa em paz. Ergue-se acima das controvérsias e dos ódios. Entra, no mesmo dia, na glória e no túmulo. Doravante, vai brilhar por cima de todas estas nuvens, que estão sobre as nossas cabeças, entre as estrelas da sua Pátria!"

Balzac não ouviu estas palavras mas advinhara o futuro ao escrever, no pedestal dum busto de Napoleão: «Concluirei com a pena o que ele iniciou com a espada».

Diante a grandeza da «Comédia Humana» e da sua galeria enorme de tipos, de personagens, desses seres de carne, sangue e alma que chegam até nós cheios de vitalidade, que são dos nossos dias, somos atraídos por uma força misteriosa. Não podemos ficar indiferentes perante o mistério, o milagre da existência, da actualidade duma vida que nasceu há mais de cem anos. Para tentarmos compreender temos de recuar no tempo, penetrar na vida duma época, e conhecermos o sonhador, o trabalhador, o aventureiro, o escritor que se chamava Honoré de Balzac.

Acompanhemos um jovem sonhador que troca a vulgaridade fácil pela carreira difícil de escritor. Vejamos o poder de vontade que vence privações, lutando contra os seus e contra o mundo.

Um rapaz ambicioso, dono duma imaginação prodigiosa, trabalha, ama e sofre. Passa noites inteiras, numa longa orgia nocturna que durou até o fim, escrevendo, e bebendo café para afastar o sono.

O romântico, ajudado por uma fantasia inesgotável, não cansa de conhecer a mulher, através de muitas amantes, atraídas, encantadas pelo espírito bri-

Continua na pág. 2

ESPINHO

pela Imagem



Barcos poisados na areia.

1 O pescador olha o horizonte sombrio
Uma interrogação que enche a existência dos nossos pescadores.